

Clássicos da Literatura Brasileira

Contos

Humberto de Campos

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da
Literatura Brasileira*

Clássicos da Literatura Brasileira

Contos

Humberto de Campos

Contos

Humberto de Campos

Ilustrações

Eduardo Schloesser

Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

Leitura, adaptação e revisão

Malthus de Queiroz

Direção de arte

Wilton Carvalho

Diagramação

Roseane R. Nascimento

Coordenação Editorial



Direitos reservados à Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/0001-03

Impresso no Brasil

Q3c Queiroz, Malthus de, 1976-
Contos / Humberto de Campos ; adaptação Malthus de Queiroz;
ilustrações Eduardo Schloesser. – Recife: Prazer de Ler, 2012.
80p. : il. – (Clássicos da literatura brasileira).

1.FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO. I.
Campos, Humberto de, 1886-1934. II. Schloesser, Eduardo, 1962-
III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

PeR- BPE 12-0328

ISBN: 978-85-8168-192-4

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro sofreram
modificações com o novo Acordo Ortográfico.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Contos

Sumário

O monstro	7
O Bellerophon	12
O filho do comendador	15
Número, faz favor?	17
O engolidor de espadas	19
A judia	22
A cavalo (Georger Auriol)	24
O ladrão arrependido	26
O papagaio traído	28
A geografia	30
Roubado e contente (Rodolphe Bringer)	31
Justificação	32
O barbadão	33
O duelo	35
O regenerado	36
Oração inútil	37
O ladrão honesto	39
Razão poderosa	40
O café	41
O relógio preguiçoso	43
O preguiçoso	44
O cego e o paralítico	45
Para salvar Melila	46
A grinalda	49
Juramento	51
O ranzinza	52
Os três alívios	54
O campeão	57
A valorização da família	59
A promessa	60
A luz dos mortos	71
O furto (Conto Amazônico)	77

O monstro

Pelas margens sagradas do Eufrates¹, que fugia, então, sem espuma e sem ondas, caminhavam, na infância maravilhosa da Terra, a Dor e a Morte. Eram duas sombras longas e vagas, sem forma definida, cujos pés não deixavam traços na areia. De onde vinham, nem elas próprias sabiam. Estavam em silêncio e marchavam sem ruído olhando as coisas recém-criadas.

Isso foi no sexto dia da Criação. Com o focinho mergulhado no rio, hipopótamos gigantes admiravam, parados, a sua sombra enorme, refletida de forma tremida nas águas. Leões alaranjados, de jубas tão grandes que pareciam, de longe, estranhas folhagens de árvores, estendiam a cabeça redonda, investigando o deserto. Para o interior da terra, onde o solo começava a se cobrir de verde, vestindo-o com um leve manto de gramado moço, que os primeiros botões enfeitavam, agitava-se um mundo de seres novos, assustados, ainda, com a surpresa do milagre da Vida. Eram aves gigantes, monstruosas, que mal se **aguentavam** nas asas grosseiras e que traziam ainda na fragilidade dos ossos a umidade do barro modelado na véspera. Algumas marchavam saltando, o esqueleto à mostra, malvestidas pela penugem nascente. Outras se aninhavam, já, nas moitas sem espinhos, nos primeiros cuidados da primeira procriação. Sapos e rãs, de costas esverdeadas transpirando água, fitavam, mudos, com os largos olhos acesos e interrogativos, a fila cinzenta dos montes distantes, que pareciam, a distância, uma procissão silenciosa, sem pausa, infinita, de sapos maiores. Bois tristes, sacudindo a grande cabeça, na qual se enrolavam, encharcadas e gotejantes, galhos de ervas dos lamaçais, desafiavam-se, urrando, com as patas enfiadas na terra mole.

¹ Antigo rio que forma, junto com o rio Tigre, a Mesopotâmia, região onde surgiu a civilização ocidental.

Rebanho monstruoso de um gigante que os tinha perdido, os elefantes pastavam em bando, colhendo com a tromba, como ramalhetes verdes, moitas de arbustos frescos. Aqui e ali, um alce galopava, rápido. E, à sua passagem, os outros animais o ficavam olhando, como se perguntassem que focinho, que tromba, ou que bico, havia arrancado as folhas daquele galho seco e pontiagudo que ele levava na fuga. Ursos primitivos lambiam as patas, de forma monótona. E, quando um pássaro mais ligeiro cortava o ar, num **voo** rápido, havia como uma interrogação inocente nos olhos ingênuos de todos os brutos.

Em passo triste, a Dor e a Morte caminham, olhando, sem interesse, as maravilhas da Criação. Raramente marcham lado a lado. A Dor vai sempre à frente, ora mais vagarosa, ora mais apressada; a outra, sempre no mesmo ritmo, não se adianta, nem se atrasa.

Adivinhando, de longe, a marcha dos dois duendes, as coisas todas se arrepiam, tomadas de terror. As folhas, ainda mal recortadas no lodo do chão, encolhem-se, num susto indefinido. Os animais se olham inquietos, e o vento, o próprio vento, parece gemer mais alto, e correr mais veloz com a aproximação lenta, mas segura, das duas inimigas da Vida.

De repente, como se a impedisse um grande braço invisível, a Dor parou, deixando a companheira se aproximar.

Para que mistério — disse, a voz surda — para que mistério teria Jeová, no capricho da sua onipotência, enfeitado a terra de tanta coisa curiosa?

A Morte estendeu os olhos investigadores até os limites do horizonte, abrangendo o rio e o deserto, e observou, num sorriso macabro, que fez rugir os leões:

— Para nós duas, talvez...

— E se nós próprias fizéssemos, com as nossas mãos, uma criatura que fosse, na terra, objeto do nosso cuidado? Modelado por nós mesmas, o nosso filho seria, com certeza, diferente dos bois, dos ursos, dos mastodontes², das aves fugitivas do céu e das grandes baleias do mar. Nós o traríamos, eu e tu, em nossos braços, fazendo do seu canto, ou do seu urro, a música do nosso prazer... Eu o traria sempre comigo, embalando-o, fazendo seu espírito vivo, aperfeiçoando sua alma, formando seu coração. Quando eu me cansasse, tu o tomarias, então, no teu colo... Queres?

² Animal pré-histórico parecido com o elefante, só que mais forte e mais baixo.

A Morte concordou, e desceram, ambas, para a margem do rio, onde se acocoraram, sombrias, modelando o seu filho.

— Eu darei a água... — disse a Dor, mergulhando a concha das mãos, de dedos esqueléticos, no lençol vagaroso da corrente.

— Eu darei o barro... — disse a Morte, enchendo as mãos de lama podre, que o sol tinha endurecido.

E foram trabalhar. Seca e áspera, a lama se desfazia nas mãos da oleira³ sinistra, que, assim, trabalhava inutilmente.

— Traz mais água! — pedia.

A Dor enchia as mãos no leito do rio, molhava o barro, e este, logo, se moldava, escuro, ao capricho dos dedos magros que o apertavam. O crânio, os olhos, o nariz, a boca, os braços, o ventre, as pernas, tudo se foi formando, do jeito mais forte ou mais leve da escultora silenciosa.

— Mais água! — pedia esta, logo que o barro se tornava menos fácil de trabalhar.

E a Dor enchia as mãos na corrente e levava água à companheira.

Horas depois, a Criação possuía um bicho desconhecido. Imitado da obra divina, o novo habitante da Terra não se parecia com os outros, sendo, embora, em sua aparência, uma lembrança de todos eles. A sua juba era a do leão; os seus dentes, os do lobo; os seus olhos, os da hiena; andava sobre dois pés, como as aves; e trepava, rápido, como os macacos.

O seu aparecimento no seio da animalidade alarmou a Criação. Os ursos, que jamais haviam se mostrado selvagens, urravam alto e escavavam o solo, à sua aproximação. As aves piavam nos ninhos, amedrontadas; e os leões, as hienas, os tigres, os lobos, reconhecendo-se nele, arreganhavam os dentes ou mostravam as garras, como se a terra acabasse de ser invadida, naquele instante, por um inimigo inesperado.

Repelido pelos outros seres, marchava, assim, o Homem pela margem do rio, protegido pela Dor e pela Morte. No seu espírito inseguro, surgiam, às vezes, perguntas preocupantes. Certo, se aqueles seres se assombravam à sua aproximação, era porque reconheciam, unânimes, a sua condição superior. E assim refletindo, tinha prazer em amedrontar as aves e em perseguir os veados, os porcos, as cabras, os animais que lhe pareciam mais fracos.

³ Que trabalha em uma olaria ou trabalha com barro.

Contos

Um dia, porém, orgulhosas do seu filho, as duas discutiram, disputando a prioridade na criação do monstro.

— Quem o criou fui eu! — dizia a Morte. — Fui eu quem contribuiu com o barro!

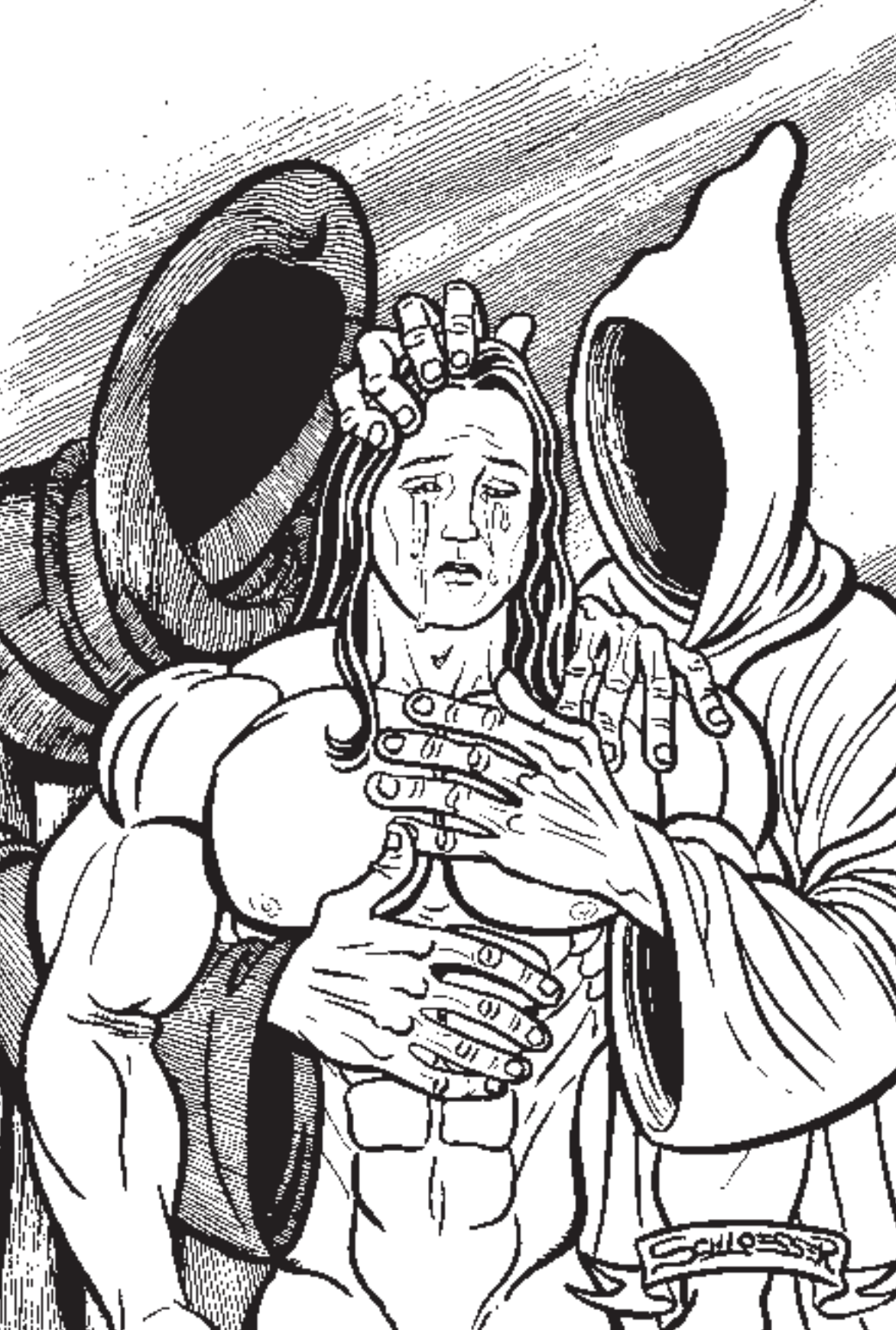
— Fui eu! — gritava a outra. — Que você faria sem a água, que amoleceu a lama?

E, como nenhuma voz as acalmasse, resolveram, as duas, que cada uma tiraria da sua criatura a parte com que havia contribuído.

— Eu dei a água! — tornou a Dor.

— Eu dei o barro! — insistiu a Morte.

Abrindo os braços, a Dor se lançou contra o monstro, apertando-o, violentamente, com as mãos. A água, que o corpo continha, subiu, de repente, aos olhos do Homem e começou a cair, gota a gota... Quando não havia mais água que espremer, a Dor se foi embora. A Morte se aproximou, então, do monte de lama, tomou-o nos ombros, e partiu...



O Bellerophon

Desde a Exposição Pecuária realizada em Mineapolis¹, não se falava em outra coisa, nos centros criadores, senão no touro Bellerophon, premiado com 50.000 dólares. Era uma beleza de animal. E, como procriador, um verdadeiro assombro, não havendo notícia de outro igual não só no Minesota² como, mesmo, nos Estados Unidos.

Encerrada a grande feira, e tornando o Bellerophon à fazenda natal, a romaria dos criadores continuou. De toda a parte vinham fazendeiros, entusiasmados com as notícias sobre o formidável pai de malhada³. E de tal forma que o seu proprietário, o velho e conceituado criador James Smith, resolveu meter o animal no estábulo e cobrar de cada visitante a quantia de dois dólares. Era um meio de reduzir o número dos não convidados e, principalmente, de pagar o tempo consumido com as explicações.

Certo dia, bateu à porta da fazenda um homem forte, ar elegante, pulso de ferro e quatro palmos de costa.

— Pode-se ver o touro?, perguntou a James Smith, que correu para atendê-lo.

— Pois não. O preço da visita está marcado em dois dólares.

— Dois dólares?, estranhou o visitante, parando.

E, após um instante:

— Não; então, não o vejo... O senhor compreende que eu tenho grandes responsabilidades de família, e dois dólares me fazem falta. Sou mórmon⁴ e...

— O senhor é mórmon?

¹ Cidade dos Estados Unidos.

² Estado onde fica a cidade de Mineapolis.

³ Touro.

⁴ Seguidor do mormonismo, doutrina religiosa fundada nos Estados Unidos.

— Sim, senhor. Sou mórmon, tenho nove mulheres e quarenta e um filhos, e o senhor deve saber que tenho minhas despesas.

— Nove mulheres e quarenta e um filhos...? — fez James Smith, arregalando os olhos. — Então, o senhor vai ganhar dois dólares.

E arrastando-o pelo braço:

— Eu quero mostrar o senhor ao meu touro!



O filho do comendador¹

Foi uma alegria para o comendador Felisberto a notícia, que a esposa tinha lhe dado, de que ia lhe oferecer, em breve, um pequeno herdeiro do seu nome e, sobretudo, da sua fortuna.

— É verdade isso?, exclamou o velho capitalista, contendo os entusiasmos do coração.

E, como era fraco dos nervos, desabou a chorar de satisfação, ensopando de lágrimas de felicidade o seu lenço branco de linha, grande como um lençol.

A generosidade do comendador, durante os meses de espera, foi espantosa. Fraldas, roupinhas, sapatinhos de lã, gorrinhos de seda, tudo isso entrava em quantidade pela porta do palacete, no qual dona Enedina engordava contente, com esperança na **ideia** de ter, enfim, uma criaturinha do seu sangue.

Passou-se, porém, o quinto mês. E o sexto. E o sétimo. Este último, o velho capitalista passou procurando, sorridente, um nome para o pirralho. E concluiu:

— Se for homem, vai se chamar Benevenuto.

— E se for mulher?, indagou a esposa.

— Terá o nome da mãe. Será, também, Enedina...

Antes do oitavo mês, o comendador mandou a esposa para a Europa. E, trinta dias depois, recebia o seguinte telegrama:

“Comendador Felisberto Maia Rio. – Extrai Fibroma². Saudades Enedina”³.

Para o capitalista, essa notícia foi um choque. E foi furioso, vermelho de raiva, que respondeu imediatamente:

¹ Título cedido antigamente para premiar militares ou religiosos que tinham destaque nas suas atividades.

² Tumor.

³ Observe a linguagem do telegrama: as mensagens eram escritas dessa forma porque se pagava por palavra escrita.

Contos

“Madame Felisberto Maia Paris Combinação aqui foi dar outro nome criança. Caso insista dar nome Fibroma recém-nascido suspenderei mesada Felisberto”.

E respirou, com força. Era pai...

Número, faz favor?

O Altino Praxedes andava já pelos trinta anos quando, casado e com um filho, abandonou a sua fazenda das Três Pedras, no Estado do Rio, para vir à capital da República submeter a esposa a uma operação. E, como não tinha parentes, nem amigos, nem conhecidos, foi hospedar-se, com a família, em uma pensão do Flamengo, onde lhe prometeram toda a comodidade.

Ocupado, ele mesmo, em arranjar médico e hospital, aquela vida era um tormento para ele, para cima e para baixo, numa terra desconhecida. De manhã, saía para tratar de negócio. Duas horas depois, porém, se achava outra vez em casa, para saber como estava passando a esposa. E andava tão inquieto longe da companheira que a dona da pensão, com pena, aconselhou:

— Sr. Praxedes, por que o senhor, em vez de vir, não telefona para sua mulher? É mais rápido e muito melhor.

— É verdade, concordou o hóspede, que nunca tinha falado, em sua vida, num telefone.

No dia seguinte, ele estava no centro da cidade quando se lembrou de telefonar para casa. O aparelho e a utilidade de cada uma das peças, ele conhecia, por ter visto outras pessoas falando. Nunca, porém, havia falado, ele próprio, de modo que foi trêmulo, quase vermelho, que pôs o fone no ouvido, pedindo:

— Ligue para minha mulher; sim?

A telefonista falou:

— Número, faz favor?

Praxedes empalideceu:

— Que número, que nada, dona! Eu sou um homem sério. Eu só tenho uma mulher, e essa não tem numeração nenhuma!

E enganchando o fone, com barulho:

— Trate-me sério; ouviu?



SCHLOSSER

O engolidor de espadas

O grande acontecimento de Niterói naquela semana tinha sido a **estreia**, no teatro municipal, de uma companhia de variedades, em que o russo Miguel Boronoff, ilusionista mundialmente consagrado, realizava o milagre de engolir, à vista do público, uma espada de dois palmos e meio. Vestido em uma roupa de meia, para impedir qualquer **ideia** de truque, o artista chegava ao meio do palco, apresentava à **plateia** uma bandeja com uma dúzia de espadas, para que os espectadores escolhessem uma, e, desembainhando-a, a boca para cima, enfiava a lâmina, goela adentro.

Naquela noite, porém, o teatro se encheu como nunca. Não havia uma única cadeira vazia. E, em uma destas, logo na primeira fila, estava o Manoelzinho Sampaio, o “almofadinha” de vinte e um anos, coberto de pó como uma menina, corado como duas e nervoso como três.

Concluído o primeiro número, em que havia se exibido uma dançarina espanhola tocando castanholas, chegou a vez de Miguel Boronoff, que, saudado por uma salva de palmas, começou, logo, o seu trabalho.

— “Senores¹” — pediu o artista, na sua língua de russo nascido na Argentina, apresentando a bandeja com as armas: — “senores, yo voy a comer este faca, hasta el cabo. Escojan ustds la faca a engolir!²”.

Um cavalheiro da segunda fila escolheu uma espada de Marinha, grande, de dois palmos. Tirou-a da bainha, examinou sua consistência na tábua da cadeira, examinou-a na unha e,

¹ Sotaque estrangeiro para dizer “senhores”.

² Em tradução livre: “Senhores, vou engolir esta faca até o cabo. Escolham vocês a faca que vou engolir”.



SCHLESSEK

entregando-a ao artista, esperaram, todos, emocionados, o sucesso do número.

Na sua cadeira, trêmulo, pálido como um morto, Manoelzinho Sampaio torcia as mãos, nervoso. Parecia que ele é que ia engolir a espada. Miguel Boronoff tomou, porém, a arma, pôs a mão esquerda na cintura, lançou o pescoço para trás, abriu a boca para cima, suspendeu o braço direito à altura de meio metro do rosto e desceu-a, lento, com a lâmina reta, quando o Manoelzinho deu um pulo da sua cadeira.

— Senhor — pediu, branco de emoção, os olhos cheios d'água; — pelo amor de Deus!

E, angustiado, suplicando, torcendo as mãos, numa agonia:

— Engula a bainha primeiro... Sim?

A judia

A colônia israelita não possuía representante mais rico que Isaac Aben-Abib. As suas festas reuniam sempre o que havia de seleta entre os judeus, sendo de notar, também, a quantidade de vultos representativos da cidade, indiferentes, embora, à sua seita religiosa.

Fornecedor do governo e amigo dos políticos, fazia parte da alta sociedade carioca, sem, contudo, se desligar de sua crença e, principalmente, dos seus companheiros de fé.

A reunião daquela noite, em que o casal Aben-Abib comemorava o 22º aniversário, era, por isso mesmo, um misto de prazeres do mundo e solidariedade religiosa. Os salões do luxuoso palacete, repletos e iluminados, ferviam de uma sociedade encantadora, em que predominava, entre as figuras femininas, a linha pura do tipo israelita.

Mais bonita, porém, que qualquer outra era, sem dúvida, Rachel Benoliel, a jovem esposa de Elias Benoliel, dono de uma casa de penhores à rua Luís de Camões. Alta, elegante, magnífica, foi exatamente para ela que, ao penetrar na festa, o Dr. Epaminondas Borges, o conhecido mundano¹ e diplomata em disponibilidade, encaminhou a sua esperança de conquistador profissional.

Clara e linda, a boca muito vermelha, os dentes miúdos e brancos, a bela israelita tomava o seu pequenino cálice de licor, junto ao bufê, em companhia de duas amigas, quando, **curvando-se**, risonho e, na sua opinião, irresistível, Epaminondas Borges se aproximou.

— Madame — disse, sorrindo, o monóculo cravado no olho; — eu seria o mais feliz dos mortais se me fosse permitido

¹ Que aprecia as coisas do mundo.

matar a sede secular do meu coração nesse pequenino cálice em que V. Exa. acaba de pousar a borboleta dos seus lábios divinos!

A testa ligeiramente franzida, as unhas rosadas cravando, como dois rubis em um topázio, o cálice apenas tocado, Rachel Benoliel ouviu, calada, a declaração. E, quando o atrevido acabou, desfranziu a testa.

— Ah!, o doutor está enganado; mas, não é comigo, não! É ali com aquela minha amiga!, disse, indicando outra.

E, num sorriso jovem, diabólico, desconcertante:

— O doutor não sabe que é Rebeca, e não Rachel, que dá de beber aos camelos?

A cavalo

(George Auriol)

No tempo em que era apenas noivo da sua esposa de hoje, o capitão Lundstreon morava na cidade de Kungsback (onde, diz ele, há uma velha fortaleza magnífica) e costumava ir visitar a sua futura, que morava três ou quatro milhas mais longe, em uma povoação denominada Jonsered. Quando fazia bom tempo, o velho pai de Elsa, a moça, lhe dizia:

— Lundstreon, meu amigo, o dia está convidando a gente a dar um passeio ao lado de quem se quer bem; não é verdade? Beba comigo um copo de vinho... Saúde...! E vá! Você é um excelente rapaz!

Lundstreon alugava então um pequeno carro e saía a passeio com a moça, contente um e contente outro, porque, assim, podiam se beijar à vontade. Certo dia, ele tomou a carruagem, mas o dono dos cavalos explicou a ele:

— Eu não posso dar hoje o pônei de costume. Está doente. Vou atrelar, porém, meu cavalo castanho. É um animal de roça, mas, no resto, um bom animal.

— Sem dúvida — concordou Lundstreon; — desde que ele ande, está tudo bem.

E partiu, imediatamente, com a sua Elsa, pelos campos floridos.

A certa altura, porém, o maldito cavalo castanho começou a fazer barulho por trás. Os senhores compreendem o que quero dizer, não? É uma palavra difícil de dizer; uma expressão baixa; um termo de se torcer o nariz. Primeiro... segundo... terceiro... décimo... E Lundstreon cada vez mais aborrecido com esse inconveniente, que, com franqueza, tirava toda a poesia do passeio.

No começo, pensou que fosse apenas por um momento; mas, quanto mais o cavalo corria, mais estalava. Parecia ter na barriga uma metralhadora.

Lundestreon não sabia o que dissesse, não ousando, mesmo, olhar a noiva, até que teve uma **ideia**: parar num albergue. Desceu, ajudou a moça a descer e, tomando seu braço, começou, visivelmente confuso:

— Minha querida, eu estou muito envergonhado... Perdoe-me todo esse inconveniente... esses barulhos que você vinha escutando...

Elsa ficou vermelha como um galo.

— Ora, para que você me disse isso...?! — gemeu, irritada.

E, como quem sente uma desilusão:

— Eu pensei que era o cavalo...

O ladrão arrependido

O delegado acabava de entrar, pendurando a bengala, o chapéu e o *cache-nez*¹ no cabide da repartição, quando o soldado de prontidão avisou estar no xadrez, à espera de interrogatório, um indivíduo preso na praça Tiradentes duas horas após o furto de um relógio.

— Manda-o subir... — ordenou a autoridade.

Ao fim de dois minutos, entrou na sala, observado por dois policiais, o autor do furto. Era um rapaz claro, de cabelo de fogo, rosto semeado de sardas, vestindo calça de casimira preta, paletó escuro, camisa sem gravata. A autoridade fechou a cara, improvisando uma fisionomia séria e perguntou:

— Foi o senhor que furtou este relógio?

— Foi, sim, senhor — continuou, calmo, o rapaz.

— Sabe quem é o dono?

— Certo, certo, não sei, não, senhor. Só me lembro que era um sujeito de preto, que ia com uns embrulhos na mão.

— E ele não deu por falta do objeto?

— Parece que não. Quando o guarda me prendeu, eu estava junto do lampião, dando corda.

O delegado deixou passar um instante e tornou:

— E o senhor não está arrependido de ter furtado esse relógio?

— Eu? Muito arrependido! — confirmou, com força, o ladrão.

E, com ar de desprezo, o beijo torcido:

— Isso lá é relógio, “seu” doutor?! Em duas horas tive de dar corda nele três vezes...! Se o senhor ficar com ele vai se arrepender!

E se encostou à parede, como se fosse um familiar.

¹ Peça de roupa que cobre o nariz, muito usada no frio.



O papagaio traído

O maior desejo do Anselmo Pimenta era possuir um papagaio. Toda vez que partia um amigo para o norte, a sua encomenda era certa:

— Mande de lá um papagaio; ouviu? Eu pago as despesas!

E nunca ninguém lhe havia mandado. Um dia, porém, lá ia o Pimenta pela rua Sete de Setembro quando viu, em uma casa de aves, uma gaiola com dois louros que eram uma beleza, tanto como figura como colorido: um maior, todo verde e amarelo, com encontros vermelhos nas asas, e outro menor, mais leve, demonstrando no porte e nas penas a modéstia e a fragilidade do sexo.

— Quer vender um desses papagaios? — perguntou, entrando, ao dono da casa.

— Não, senhor; isto é um casal: um macho e uma fêmea. O macho é aquele maior, mais vistoso, mais bonito. Mas não são para vender, não. Agora, se o senhor quiser, eu lhe vendo aí uns ovos; dentro de quinze dias estão nascidos.

Anselmo Pimenta comprou quatro ovos, a dois mil réis¹ cada um. Em casa, pôs debaixo de uma galinha que chocava e, doze dias depois, ficou escandalizado, ao ver sair dos quatro ovos um pinto e três pombos. Pondo o chapéu na cabeça, ganhou a rua. Na casa de aves, perguntou pelo papagaio.

— Está ali — disseram-lhe, indicando a gaiola com o casal de “louros”.

Anselmo se aproximou, procurando, com os olhos, a ave maior.

— Papagaio — disse, em tom quase confidencial — eu preciso falar com você. Quem avisa amigo é...

E, arregalando a pálpebra esquerda com o dedo, indicando a ave fêmea:

— Abra o olho com ela, hein...?!

¹ Antiga moeda brasileira.



A geografia

Foi em um negócio de ferros velhos, durante a Guerra Mundial, que o Procópio Viana passou de modesto vendedor da Casa Portela & Gomes a honrado empresário. Com a bolsa repleta de amostras de arroz, de feijão, de milho, de farinha, andava acima e abaixo vendendo nos comércios, quando um deles o deixou responsável por negociar as máquinas de uma velha fábrica desmantelada. O rapaz ganhou no negócio quinze mil e não quis mais saber de outro comércio. E, em breve, comprava até navios velhos, vendendo-os a estrangeiros, conseguindo reunir, com essas transações, os seus quatro milhões.

Rico, o Procópio se pôs a viajar. E era de regresso desse passeio através dos continentes que contava, no Rio de Janeiro, a um grupo de senhoras, as suas impressões de turista.

— Visitei Paris, Londres, Madri..., dizia ele, com ênfase, sacudindo a perna direita, o charuto ao canto da boca, a mão no bolso da calça. — Fui ao Cairo, a Roma, a Berlim, a Viena...

E, após um instante:

— Estive em Tóquio, em Pequim, em Singapura...

A essas palavras, que deixavam admirados e com inveja os olhos das moças que o ouviam, a senhorita Lili Peixoto falou à parte, encantada:

— O senhor deve conhecer muito a Geografia... Não é?

— Ah!, não, senhora! — interveio, logo, superior, o antigo comerciante da Portela & Gomes. — A Geografia, eu quase não conheço.

E, atirando para o espaço uma baforada do seu charuto cheio:

— Eu passei por lá de noite...

Roubado e contente

(Rodolphe Bringer)

Se havia um homem que amasse a **tranquilidade**, esse era o bom e honrado Sr. Bougy. Mas o Sr. Bougy tinha uma mulher, uma filha, um filho, um cachorro e um papagaio; e o seu papagaio gritava, seu cachorro latia, seu filho soprava uma gaita, sua filha tocava violão e sua mulher tocava piano. Por tudo isso, o sr. Bougy, que amava a **tranquilidade**, não vivia **tranquilo**.

Certa noite, tudo dormia na casa do Sr. Bougy. O papagaio estava calado. O cão descansava em silêncio. O filho cochilava. A filha sonhava. A mulher roncava, mas docemente.

De repente, ouviu-se um barulho no andar térreo. De um pulo, o Sr. Bougy se pôs de pé, um revólver na mão. Na sala de jantar, gritou:

— Mãos no alto!

Dois ladrões estavam ali e puseram, logo, a seus pés, todos os pacotes que já haviam arrumado. Feito isso, levantaram as mãos.

— Que tem nesse embrulho? — indagou o Sr. Bougy.

— É o cachorro, que nós estrangulamos.

— E no outro?

— O papagaio, do qual torcemos o pescoço.

— E no outro?

— Uma gaita e um violão.

— É tudo?

— É tudo.

— Muito bem — concluiu o Sr. Bougy — levem tudo... Eu dou tudo isso a vocês, mas com uma condição.

—...?

— Levem também o piano!

Justificação

O Sr. Gaudêncio Guimarães de Oliveira Filho sempre foi um homem rígido em negócios de honra. Antigo chefe eleitoral no Estado do Rio, tinha se mudado para esta capital com a esposa e uma filha pequenina, além de suportar o esquecimento político. E aqui ia vivendo à custa do partido e de outros rendimentos eventuais, de origem mais ou menos honesta.

Certo dia, porém, o Sr. Gaudêncio explodiu, furioso. Ele tinha entrado da rua, quando encontrou, na sala de visitas, estendido no sofá, um vestido de seda branca, bordado de azul, com a etiqueta de uma grande casa de modas da Avenida.

— Quanto custou este vestido, Luíza?

— Oitocentos mil réis — informou a moça, aproximando-se, os olhos baixos.

— É teu?

— É, sim — confessou a pobre, no mesmo tom.

A essa informação, o antigo chefe eleitoral sentiu uma onda de sangue subir ao rosto. E foi vermelho, furioso, que explodiu, dentes cerrados:

— Então tu tens coragem de me trair por causa de um vestido?

— Eu não, Gaudêncio! — gemeu a infeliz, insultada.

E, justificando-se:

— Ele deu, também, o chapéu...

O barbadão

Um dos maiores orgulhos do Antônio Viana de Meireles era aquela barba negra, toda fechada, que ele trazia inteira, como o Dr. Abreu Fialho, o Dr. Estelita Lins ou o Dr. Arrojado Lisboa. No ministério, onde era 2º escriturário, colocaram-lhe o apelido de Frei Antônio. Ele achava, porém, que aquela moldura ficava bem na sua grande cara morena, de olhos pardos e nariz de águia, e atribuía tudo aquilo à inveja dos rapazes ainda sem barba.

O que chateava o Meireles era, entretanto, a solidariedade da esposa, a graciosa Dona Marina, com aqueles pilantras da Secretaria. Não que a jovem senhora lhe dissesse o mesmo, zombando dele; mas pela indiferença com que o abraçava e, sobretudo, pela repugnância com que afastava o rosto claro toda vez que ele se aproximava para beijá-la.

Magoado com semelhante rejeição, o Viana de Meireles resolveu fazer, um dia, uma surpresa à esposa: foi a um barbeiro, raspou a cara e, leve, o rosto fresco, tocou-se para casa, já adivinhando o prazer que ia dar, naquela tarde, à sua mulherzinha.

Ao bater à porta, a moça correu para abrir, saltando no seu pescoço, com beijos famintos, gulosos, desesperados.

— Está satisfeita, minha filhinha, por me ver assim... Não é? — gemeu o rapaz, comovido de gratidão.

A essas palavras, os beijos pararam como por encanto. Pálida, olhos arregalados, Dona Marina recuou dois passos.

— Antônio, és tu? — gritou, horrorizada.

E, olhando-o, surpresa, limpando a boca, num horrível desapontamento:

— Eu nem te reconheci...!



SCHLOSSER

O duelo

Após uma discussão na Associação de Imprensa, durante a qual se atiraram insultos pesados, os dois jornalistas tinham resolvido se bater em um duelo. Um e outro eram, porém, contrários a essas manifestações militares, de modo que foi como bois arrastados para o matadouro que seguiam, naquela manhã fria de maio, para o chamado campo da honra.

Escolhido o local, a Quinta da Boa Vista, as testemunhas puseram os dois adversários, com a pistola na mão, um em frente ao outro, a dez passos de distância: Martinho Lopes, do lado dos bambus, e Feliciano Gadelha, do lado da água.

Tinha chegado o momento. O braço estendido, escutaram, ambos, a voz de comando:

— Um... Dois...

Nesse ponto, antes da ordem final, o braço do Feliciano caiu.

— Protesto! — gritou o desgraçado, abandonando a arma e deixando a posição. — A situação é muito desigual.

E, pálido, as mãos trêmulas, indicando o adversário:

— Ele está com muito menos medo do que eu!

O regenerado

Bertoldo Catanhede da Silva era famoso na malandragem nacional quando se encontrou, naquela tarde, sob o toldo da Galeria Cruzeiro, com o Atanásio Coutinho, que tinha conhecido meses antes na Casa de Detenção. O primeiro estava tão formal, tão sério, tão correto no seu terno de casimira marrom que o outro quase não o conhece.

— Que prosperidade, gente! Quase que eu não falo por não saber quem era!

Bertoldo explicou ao antigo companheiro de prisão as vantagens da sua nova profissão. Tinha se regenerado, esquecendo o passado de golpes, de roubos, de malandragem. Agora, era um homem de bem, que conquistava honestamente o seu pão.

— E você, ao que parece, tem se dado bem... opôs-se o Atanásio. — Tem boa roupa, relógio, corrente, chapéu novo, abotoadura nova... Está, enfim, uma figura!

Examinou-o de novo e tornou:

— E esse relógio, onde você o adquiriu?

— Este? Na Torre de Ouro, na Avenida.

— Por quanto?

O “regenerado” coçou a cabeça, atrapalhado.

— O preço, filho, não sei... — confessou. — À hora em que passei por lá, para adquiri-lo, não havia nenhum caixeiro no balcão.

E, sincero, cortando a conversa:

— Eram duas e meia da madrugada... Estavam todos dormindo!

Oração inútil

Era tradicional na família Torres Figueira o culto do milagroso São Sebastião. A avó, a mãe, as tias de Dona Bebida haviam alimentado, sempre, essa devoção. E era por isso que a jovem senhora, ao educar a sua Matildinha, não a deixava dormir sem, primeiro, encomendar-se ao santo.

— Encomenda-te sempre a ele, minha filhinha, que ele não te abandonará! — aconselhava.

E, à noite, antes de adormecer, juntava suas mãozinhas pequeninas, ensinando-lhe a dizer:

— Ah, meu milagroso São Sebastião, vinde em meu socorro, guardai o meu sono, contra a fúria do inimigo!

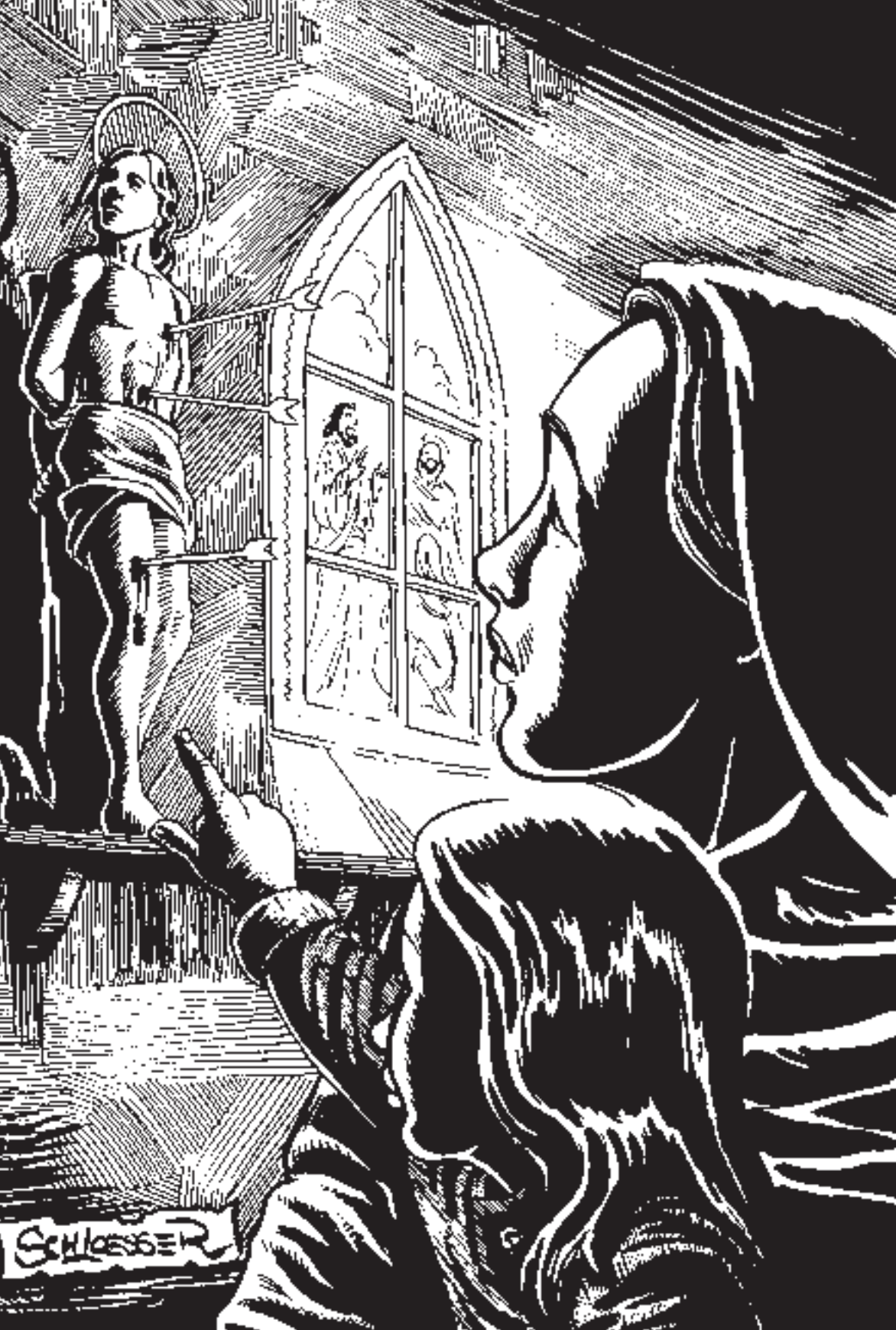
Certo dia, porém, a Matildinha foi a uma igreja onde havia uma imagem do santo e voltou muito impressionada. À noite, na hora da reza, a mãe falou, para que ela repetisse:

— Ah, meu milagroso São Sebastião, vinde em meu socorro.

— Não, mamãe — protestou a menina, separando as mãozinhas, os olhos nos olhos maternos. — Isso eu não digo mais, não; não vale a pena.

E, vendo o espanto da linda senhora:

— Ele está amarrado lá na igreja, mamãe; como é que ele vai vir?



SCHLOSSER

O ladrão honesto

O capitão Vicente Bandeira estava já no segundo sono, quando, pelas três horas da madrugada, percebeu barulho na sala de jantar. Ouvido alerta, sentiu um estalar de gaveta e outros ruídos que lhe denunciavam a presença de estranhos, no andar térreo da casa.

— Lulu? — chamou, sacudindo suavemente a mulher. — Lulu...? Lulu...?

— Hein...? Hein...? Que é...? — fez a boa senhora, despertando.

— Parece que temos ladrão em casa, filha!

Corajoso e decidido, o valente militar engatilhou a pistola e, de pé ante pé, desceu ao andar térreo. E não se tinham passado quatro minutos quando Dona Lulu soube, em cima, pela queda precipitada dos móveis, que o marido havia se atracado com o ladrão.

Confirmada a sua suspeita, desceu. Cabelo alvoroçado, de pijama, descalço, Vicente Bandeira tinha diante de si, encostado à parede, com as roupas rasgadas em tiras e o rosto vermelho, um rapazola de uns vinte anos, que tremia, chorando:

— Não me mate, senhor capitão. Eu sou um ladrão honesto! Eu roubo para viver, é certo; mas roubo sem me rebaixar!

Vicente Bandeira olhava o rapazinho, sem compreender. E o desgraçado continuava:

— Eu sou um rapaz de bons costumes, educado com grande carinho. Nunca frequentei lugares suspeitos!

E as mãos juntas, o rosto em lágrimas, um choro de cortar a alma:

— E a prova, senhor capitão, é que, para roubar, eu só visito casas de família...!

Razão poderosa

Apesar das suas barbas longas e daquele nariz de águia, que parecia espiar, curioso, para o abismo da boca escondida debaixo dos bigodes, Abraão Salazar não era um homem triste.

Na Sinagoga, nas reuniões religiosas, era, mesmo, dos menos tristonhos, a ponto de ter sido censurado uma vez, com os olhos, pelo rabino Melchisedec.

Por isso, todos estranharam o modo por que aquele honrado descendente de Israel entrou, naquela noite, no pequeno prédio da rua da Alfândega, onde iam ser ditas novas preces pela felicidade dos judeus espalhados por todo o mundo. E, como ninguém tivesse mais intimidades com ele do que o velho Isaac Labbareff, foi a este que coube o direito de se aproximar de Abraão, para uma pergunta fraternal.

— Estás doente? — indagou, com os olhos muito pequenos, muito vivos, faiscando entre as sobrancelhas assanhadas, como dois diamantes escondidos na selva.

— Não. Uma desgraça.

Os olhos de Isaac brilharam, ainda mais.

— Deixaram de te pagar algum empréstimo? — indagou.

— Não — informou, seco, Abraão Salazar.

E, fechando a cara:

— Imagina tu que, ao entrar em casa, encontrei o Daniel, Daniel Shakaroff, aos abraços com minha mulher!

— E não o mataste? — indagou, recuando, o velho judeu.

— Não. E é isso que me revolta. Eu não podia matá-lo.

— Não podias? — rugiu o ancião.

E Abraão, os punhos contraídos, os dentes cerrados, na raiva de quem se sentiu imobilizado:

— Não sabes, então, que ele me deve duzentos mil réis?

O café

Aquele pequeno café da rua General Câmara, quase no canto da Primeiro de Março, era, talvez, o mais **frequentado** da cidade. A concorrência entre as duas e as quatro, quando os empregados do grande comércio do bairro saem para tomar a sua xicrinha, era enorme.

As mesas se apertavam umas de encontro às outras, e tamanha era a falta de espaço e de cadeiras que o sr. Joaquim, dono do estabelecimento, tomou, um dia, uma decisão inteligente.

— De hoje em diante — disse — o café, quem o tomar de pé, pagará mais barato.

E, fazendo o preço:

— A freguês sentado, dois tostões¹; a freguês em pé, cento e sessenta!

Foi a essa casa muito **frequentada** que o Antônio Dias foi, uma tarde, com a garganta ardendo de poeira e o estômago reclamando, com fome. Desempregado há quase um mês, havia devorado, já, todo o pequeno dinheiro que o patrão tinha lhe entregado. O colarinho sujo, os punhos pegajosos, as botas sem graxa, a barba de oito dias, a roupa sem escova diziam o que vinha sendo a sua vida, percorrendo o comércio, à procura de uma colocação.

Antes de entrar no café, o Antônio consultou os recursos: restava-lhe apenas um tostão, um mínimo níquel de cem mil réis, que se perdia, miúdo, no fundo imenso do bolso, e que ele acariciava todo instante, com grandes sustos no coração. Certo de que a moeda estava ali, entrou pela casa, parou entre as mesas e, analisando o ambiente, procurou, com os olhos, um garçom.

Um atendeu, atencioso:

¹ Tostão era uma moeda brasileira equivalente a 100 réis.

Contos

— Um cafezinho?

— Quanto custa um café? — indagou, tímido, o Antônio.

— Sentado, dois tostões... De pé, cento e sessenta.

O rapaz esfriou. A moeda de cem mil réis suava na sua mão suja, mergulhada no bolso.

Agitado pelo cheiro do café, o organismo recusava se distanciar dali, os pés pregados no chão. E foi, então, quando o desgraçado teve uma **ideia**.

— Meu bom homem — gemeu —, dê-me um por um tostão...

E, quase chorando:

— Eu tomo de cócoras...!

O relógio preguiçoso

A pensão da Henriqueta possuía fama em todos os bairros. Destinada a rapazes do comércio e costureiras desempregadas, caracterizava-se pelo relaxamento de tudo e que os hóspedes atribuíam à dona da casa, a qual não saía o dia inteiro do seu quarto. E, como tudo andava desorganizado, o relógio da sala de jantar entrou no movimento, ou à falta de movimento, parando quando entendia e declarando-se em greve ao menor tremor do piso.

Chamado um dia o relojoeiro para consertar o atrevido, o homem tirou-o do seu gancho, na parede, e o colocou sobre a mesa de refeições. E mal tomou essa posição, pôs-se o preguiçoso em atividade, marcando, com a maior regularidade, as horas, os minutos e, até, os segundos. Posto, porém, na parede, parou de novo, para tornar a trabalhar assim que o deixaram novamente de vidro para o ar, sobre a tábua da mesa.

Ao ver essa teimosia do relógio, o copeiro da casa, o Romualdo, começou a rir, com todos os dentes.

— Não é nada, não, senhora. Eu estou achando graça é desse relógio parecer tanto com a patroa.

E, concluindo, a dentadura à mostra:

— Ele só “qué” “trabaiá” deitado!

O preguiçoso

Beijo pendente sobre a papada, papada pendente sobre o peitilho da camisa engomada, o comendador Salustiano tivera a felicidade de se casar com uma senhora rica, viúva de dois maridos e herdeira de três, a qual, para maior comodidade, havia levado, já, dois filhos para o matrimônio. Curvado em uma cadeira de braços, nunca tinha feito nada na vida. Limitava-se a comer o que lhe colocavam diante da boca, e, para se vestir, era necessário que abotoassem os botões da sua camisa, a gravata no colarinho, e lhe enfiassem, mesmo, as botas nos pés.

Precisando de marido unicamente para lhe dar o nome, espécie de guarda-chuva com que enfrentava os temporais, Dona Josefina pouco ligava para aquele porco. Um dia, porém, irritou-se: ao lado da cadeira em que ele passava o dia, um lago de saliva sujava o tapete.

— Oh, Salustiano! — fez a moça. — Então, isso se faz? A escarradeira não estava logo ali?

— Estava, mas a dois metros de distância.

— Por que não chamou o criado, para trazê-la?

— Ora... Só o trabalho de gritar...!

— Pois, olhe: eu vou mandar colocar aí, junto de você, uma campainha elétrica... Ouviu?

No dia seguinte, apareceu, realmente, o eletricista. Colocados os fios, pronto o trabalho, ele explicou ao comendador, que o olhava, estúpido, com os seus olhos de suíno:

— Quando o senhor quiser chamar o criado, é só apertar aqui...

— Apertar? — fez Salustiano.

E, as mãos caídas, o beijo mole:

— Não tem alguma coisa que toque, sem dar a gente o trabalho de apertar?

O cego e o paralítico

Foi uma infelicidade para a família inteira, aquele azar que assaltou o Praxedes, aos dezoito anos de idade; uma nuvem foi, aos poucos, descendo sobre seus olhos, até que o pobre rapaz se viu, na flor da vida, completamente cego.

Recolhido a um hospital, foi fácil lhe arranjar um amigo. A infelicidade é a verdadeira língua da humanidade, e foi ela quem aproximou de Praxedes o Antônio de Barros, que andava pelos salões do hospital, completamente paralítico e apenas com o uso da língua, sobre uma pequena cadeira de rodas.

Tornados íntimos, o Praxedes, com o seu bom humor habitual, fazia o possível para distrair o companheiro. E um dia, propôs:

— Sabe de uma coisa, meu velho? Vamos casar?

— Com quem?

— Ora, com quem...? Com uma mulher, é claro.

— Com uma só... Então?

E, alegre, com os seus olhos apagados:

— Você olha... e eu abraço!

Anos depois, ficaram bons, os dois. E fizeram o negócio.

Para salvar Melila

O advogado brasileiro Joaquim Taludo de Menezes havia se destacado, no Rio, pelos seus famosos discursos. Os recursos que usava eram de tal ordem que nunca tinha perdido, praticamente, uma questão: ou ganhava-a legalmente, ou, se perdia, irritava de tal modo o advogado da outra parte que este acabava por abandonar a disputa, para não se trocar com semelhante adversário.

Forte, musculoso, bigode arrepinado, havia nele, ao mesmo tempo, o advogado e o capanga. Impulsivo, não media palavras; e, aonde não chegava a certeza, chegava o braço, de modo que era preciso, de vez em quando, a intervenção dos guardas do foro para dominar a sua arte de se expressar.

Enriquecido por esse processo, Taludo de Menezes resolveu fazer uma viagem à Europa.

Não falando nem compreendendo o francês, a Europa, na sua Geografia, se limitava a Portugal. Em Lisboa, viu, porém, que a língua espanhola era pouco diferente da portuguesa e atravessou a fronteira, no rumo de Madri.

Por essa ocasião, o país todo se agitava com a primeira campanha dos mouros¹ contra o domínio espanhol, em Marrocos. Na imprensa, nos encontros, no parlamento, não se discutia outra coisa. Soprava na península um vento de indignação, que ficava, apenas, assoprando suavemente as velas dos navios do entusiasmo, na fronteira de Portugal. O próprio monarca, vibrando com o seu povo, dirigiu ao parlamento uma “fala do trono”², em que dizia, de maneira formal: “Querem tirar ao Vos-

¹ Mouro é o nome dado para os indivíduos de origem árabe que habitam a Saara Ocidental, no norte da África.

² Discurso do rei no parlamento.

so Rei aquilo que ele herdou dos seus maiores. Melila³, **joia** da minha coroa, está ameaçada. Cabe a vós defender o patrimônio do Vosso Soberano, pondo-o a salvo de qualquer surpresa dos meus inimigos”.

Essa proclamação impressionou Taludo de Menezes. Fosse ele advogado na Espanha, não tomariam do seu monarca a “**joia** da coroa”.

— Mas eu vou me intrometer! — resolveu, de repente, dando um murro na mesa do restaurante onde fazia refeições. — Vou procurar o Rei e ensinar-lhe um meio de não perder Melila!

Dois dias depois, o advogado brasileiro era, realmente, recebido pelo soberano.

— Majestade — declarou, formal, após uma infinidade de gafes. — Eu tenho um processo para Vossa Majestade não ficar sem a “**joia** da Coroa”. Posso dizer!

— Pois não — concordou o monarca.

Taludo de Menezes subiu um degrau do trono, olhou em torno e, chegando a boca ao ouvido do Rei, segredou:

— Ponha-a no nome da sua esposa...!

E esfregou as mãos, contente.

³ Cidade espanhola situada no território africano. Marrocos reclama-a como parte de seu território.



A grinalda

O Hildebrando Borges Santos não era chegado a delicadezas, quer de maneiras, quer de sentimentos. Educado em um barraco do porto, para o qual tinha entrado aos dezoito anos com a vassoura e do qual saíra aos quarenta com a chave do cofre, tinha absorvido, como uma esponja humana, todos os modos e palavrões que flutuavam naquele ambiente de carregadores e marujos. Aos quarenta e dois anos, enfim, rico e livre, resolveu constituir família, escolhendo para complemento a mocidade sadia de Leonorzinha Guedes, filha honesta e linda de um modesto contador da praça.

Feito o pedido, que foi considerado uma felicidade para os Guedes, começou o Borges Santos a entrar na casa do futuro sogro como se entrasse no seu barraco. A própria noiva era retirada, às vezes, de casa, independentemente de comunicado e sem “conhecimento” do pai, e levada pelo noivo para os pontos mais longínquos da cidade. E foi assim que, protegida da tempestade, a carga do noivado chegou ao porto do casamento.

O dia desse acontecimento foi, para os Guedes, o mais feliz dos registros da família. Os parentes encheram a casa, as galinhas encheram os fornos, e as flores encheram, com o seu perfume e com as suas cores, o mobiliário brilhante da noiva. Às quatro da tarde, começaram os preparativos individuais. Às cinco, Leonor estava pronta, no seu lindo vestido branco, e ajustava à cabeça bonita a grinalda de flores de laranja quando o Borges Santos apareceu, no seu fraque irrepreensível, duro como um manequim, emoldurado na porta do quarto.

— Que é isso? — indagou, de repente, encaminhando-se para a moça, a testa com rugas. — Com licença...

Contos

E, tomando da cabeça da moça a grinalda singela, começou a retirar, um por um, os botões de laranjeira.

Impiedoso, como quem cata jasmims num jasmineiro, ia o bárbaro pelando a grinalda, a começar pelos maiores, da frente.

— Ah, Hildebrando! Assim, não — exclamou a moça, de repente, em certo momento, os olhos úmidos, juntando as mãos ainda sem luvas. E arrancando a grinalda, com violência, aos dedos grossos do miserável:

— Deixa as de trás; sim?

Juramento

Era uma obsessão aquilo do Rodrigo Maia: ele ia morrer cedo, deixando viúva a sua querida Eleonora, a qual, tão linda, tão elegante, tão jovem, casaria outra vez, indo cair em outros braços.

— Que tolice, Rodrigo! — protestava a esposa, nessa tarde. — Tu estás forte, moço, com saúde, por que essa mania de falar em morte?

Com a cabeça do marido encostada ao travesseiro de plumas do seio macio, Eleonora tranquilizava o companheiro de cinco anos de casamento. Que ele não ficasse aflito com essa ideia de que ela casaria de novo, quando ele morresse. O seu nome, ela o guardaria eternamente, através da vida.

E, enquanto falava, ia apertando sua cabeça ligeiramente grisalha, de encontro ao decote cheiroso.

— E se casares? — teimou o marido.

— Não caso, não, filhinho; fica tranquilo.

— Jura, então!

Os lindos olhos para o teto, onde o abajur dançava embalado pela brisa doce do campo, a moça fez, então, aquele juramento sublime:

— Eu te juro, meu marido, que posso ficar viúva cinco, dez, vinte vezes, e não me casarei nunca!

E, beijando seus cabelos meio prateados, sob os quais os pensamentos, enganados, se acomodavam:

— Estás satisfeito?

O ranzinza

Absalão Bandeira tinha se tornado famoso no quarteirão pelo seu ciúme desordenado. Desde noiva, Dona Zelina vivera presa àquele déspota, como o relógio à corrente ou como o peixe apanhado no anzol. Durante vinte e um anos de vida em comum, a ilustre senhora nunca pôde dar um passo fora de casa sem ter a seu lado, como sentinela que guardasse o criminoso, a sombra daquele marido insuportável.

— Absalão, eu posso ir aqui em frente, na casa de minha tia? — perguntava a pobre.

E ele, imediatamente.

— Podes ir, sim. À tarde eu venho te buscar, para atravessares a rua.

Se assim dizia, assim fazia. Conta-se, mesmo, que, uma tarde, num tempo em que não se possuíam criados, Dona Zelina chegara à janela para fechá-la, quando caiu lá embaixo, no calçamento, um anel de brilhantes seu. Se passasse alguém, ela podia pedi-lo. A rua era, porém, deserta, e, como a linda moça não tinha ordem do esposo para atravessar o portão, ficou de vigia até a noite, quando o Absalão chegou e foi, com ela, até a calçada, pegar o anel.

Ao fim de vinte e um anos de existência nesse regime, Dona Zelina morreu. Adoecer e morrer foi, para ela, a mesma coisa. Morreu como os justos, ou antes, como os pássaros.

Sem grandes amizades, as flores foram poucas e raros os conhecidos que se deram ao trabalho de acompanhar o enterro.

À hora de sair o enterro, com o caixão no carro, os amigos tomavam lugar nos automóveis do cortejo, quando um dos íntimos chegou ao viúvo e indagou:

— Vais ao cemitério, Absalão?

— Eu? Por que não? — observou o viúvo, limpando os olhos.

E, como quem se sente insultado pela pergunta:

— Minha mulher nunca “saiu” só!

E correu a pegar o chapéu, para acompanhar o enterro.

Os três alívios

Aquele dia era de lição de piano. Manhã cedo, ao se levantar, a senhorita Alzirinha tomou o seu banho, penteou o seu cabelo cor de mel, que não tinha cortado segundo a moda, e às oito horas estava já na sala, pedalando com maestria, enquanto a mão corria, ligeira, pela dentadura alvinegra do seu Pleyel¹ cor de castanha.

Com seus dezoito anos sadios, Alzirinha Batista era uma linda mulher em formação. Morena, olhos negros, seios perfeitos, orelhas pequeninas e vermelhas como duas pétalas de uma rosa desfolhada pelo vento, possuía uma linda boca miúda e uns dentinhos feitos, parece, de propósito para aquela boca.

Naquele dia amanhecera, entretanto, um pouco indisposta. O jantar da véspera, na casa dos Peixoto Rocha, não tinha lhe feito bem; tanto que, ao chegar em casa, a mãe lhe dera para tomar uma dose de bicarbonato, que a moça ingeriu, entre caretas. E era assim que ali estava, ao piano, sozinha na sala, à espera da professora. A mão corria, rápida, da esquerda para a direita do teclado com uma competência de mestre. E o piano soava, multiplicando as notas, quando, a certa altura, a moça parou, levantou-se ligeiramente no banco, fez uma cara de esforço e de sofrimento e, soltando um gemido, exclamou:

— Ai! Que alívio...!

Recomeçou a lição, tocou as escalas mais algumas vezes com assombrosa agilidade e de novo, parou. Fez os mesmos movimentos, o mesmo esforço, a mesma cara, soltou o mesmo gemido e, com ele, a mesma exclamação:

— Que alívio...!

De repente, porém, no meio da lição, notou, pelo reflexo

¹ Marca de piano.

no piano, um vulto, atrás do banco. Voltou-se de repente e empalideceu: estava ali, à sua frente, o Abelardo, seu noivo, que, tendo entrado sorrateiramente na sala, ficara atrás, de pé, a fim de não interromper o estudo.

— Meu Deus do céu! — exclamou a moça consigo mesmo; — ele terá ouvido alguma coisa?

E, procurando se dominar, um sorriso sem graça no canto da boca:

— Desde quando você está aí?

— Eu? — fez o rapaz, brincalhão.

E, impiedoso:

— Desde o primeiro alívio...



O campeão

À mesa do restaurante de luxo em que se haviam encontrado, os dois boêmios trocavam impressões e confidências quando o Fernando Mota, vibrando um murro na mesa, protestou:

— Bolas! Pelo que vejo você tem tido nos braços maior número de mulheres do que eu!

— E por que não? — estranhou o outro.

— É que eu duvido!

— Duvidar, duvido eu!

— Então vamos fazer uma coisa — propôs o mais novo dos dois, o Souza Júnior; vamos por esta avenida e, cada vez que um veja uma criatura com quem já tenha tido amores, mas amores reais, de abraços, de beijos, de carícias, irá contar alto, combinado?

— Está combinado, concordou o primeiro.

Momentos depois, lado a lado, braço no braço, desciam os dois desajuizados a grande rua elegante quando o Fernando Mota, ao passar por uma francesinha, contou, iniciando a série:

— Uma!

— Uma! — fez, também o Souza.

Mais um momento e, à passagem de uma senhora bem vestida, o Mota repetiu:

— Duas!

— Duas! — fez, por seu turno, o companheiro, demonstrando terem andado, até aqui, pelos mesmos caminhos.

À esquina, quase, da rua Sete, vinham em sentido contrário, completamente distraídas, uma senhora ainda nova, deliciosamente maquiada, e uma moça fresca, risonha, de uns vinte anos no máximo. Eram a mulher e a filha do Mota, que o Souza não

Contos

conhecia como tais, e que iam para o cinema. À aproximação de ambas, o esposo contou, com justiça:

— Três!

E o Souza Júnior, enquanto o Mota se tornava branco, pálido:

— Três... quatro...

A valorização da família

Mãos para trás, nervoso, colete desabotoado, a camisa aberta no pescoço de touro, o velho Jacinto, o sapateiro, andava de um lado para outro, com o inferno no coração. Nunca tinha pensado que lhe acontecesse semelhante desastre. Aquela filha, que era seu encanto, o consolo da sua vida, deixar-se cair na infelicidade, entregando a sua honra a um indivíduo que ela não sabia, sequer, quem era...!

E vinham à sua imaginação os vinte anos passados, a infância da pequena, tão miúda, tão risonha, tão rechonchuda, com aqueles braços muito alvos, muito roliços, e aquelas duas covinhas no rosto.

Sentada na velha cama de gente pobre, Dona Januária fazia o seu crochê manejando a agulha com lentidão. A raiva do marido não chegava à sua alma, que parecia **tranquila**, serena, distante da tempestade que abalava o companheiro. O que acontecera, parecia-lhe natural, esperado, inevitável. A Carminha era bonita e nova. Foi tentada e não resistiu. Que havia de novo, nisso? E foi pensando assim que pediu ao esposo:

— Sossega, Jacinto! Depois, o rapaz não foi ingrato: **deu-lhe** um anel de brilhantes que vale quase quinhentos mil réis!

— Quinhentos mil réis...? — fez o velho, com ironia. — Quinhentos mil réis pela honra de uma donzela...!

A essas palavras, Dona Januária atirou o crochê para um lado:

— Você acha pouco? Hein? Você acha pouco?

E, de pé, as mãos nas cadeiras:

— Você não se lembra que só me deu, por muito favor, um par de sapatos, que não valia nem dez?

A promessa

I

Foi uma confusão na vila quando se soube que alguns rapazes do lugar haviam sido sorteados para o Exército. Há meses, tinha andado por lá, tomando nota dos nomes, um capitão, que levava o endereço de todos; e ninguém se lembrava mais dele, nem da sua farda, quando chegou aquela notícia, deixando assustadas as mães e aflitas as noivas, mas entusiasmando, ao mesmo tempo, os moços da terra, atingidos pela convocação.

— No tempo do Paraguai¹ — diziam os velhos, fumando cachimbo calmamente à sombra fresca dos terraços — o remédio era o mato. Ou, então, passar o facão na mão direita e cortar uns dois dedos para não puxar o gatilho.

E enumeravam-se os que, por esse modo, haviam fugido ao recrutamento:

— Foi assim que escaparam o Bernardo Viúvo, o Joaquim André, o defunto Casimiro, o defunto Rogério e o falecido Manuel Simeão, pai de Sotero Boa-Vista.

A contribuição humana lançada, de repente, sobre a vila do Araçá, porém, não permitia deserções. Nada menos de oito rapazes tinham sido chamados ao serviço das armas, para o qual todos se apresentaram sem medo ou desconforto, antes com alegria, com vivacidade arrogante, como se esperassem há muito aquele apelo à sua honra patriótica. Para festejar o acontecimento, foi formada, na véspera da partida dos eleitos, uma passeata, que percorreu as quatro ruas do lugarejo, puxada por uma banda de música.

Oradores falaram, convencendo aqueles da mesma terra à

¹ Referência à Guerra do Paraguai.

prática de atos **heroicos**, elevando o nome da sua vila natal na disciplina dos quartéis e nos campos de batalha. E, na manhã seguinte, metidos na sua melhor roupa, montando os melhores cavalos do município e acompanhados por numerosos cavaleiros amigos, os rapazes partiram a galope, a fim de tomar o trem dezoito quilômetros adiante, com destino à capital.

II

Entre as mães que ficaram chorando, nenhuma, porém, chorava tanto, como a velha Maria Inácia, mãe do João Vicente. Pobre, vivendo menos do trabalho do que do amor daquele filho, ele era tudo na sua vida obscura. Quando o capitão tinha passado pela vila, pegando o nome dos rapazes, ela tinha mais uma filha e um filho. O filho havia morrido, e a filha, se casado. E, a partir desse dia, João Vicente, o mais novo, tornara-se o seu tesouro e o seu mundo.

Era um rapagão forte, claro, vistoso. Alegre e brincalhão, passava as noites em festas e serenatas, fazendo sonhar as moças do lugar. Ótimo tocador de violão, não havia noite de lua que ele não passasse acordado, indo cantar e tocar, com outros companheiros de infância e de mocidade, nas proximidades dos prédios em que havia moças bonitas. E os dias, ele os passava em casa, ajudando a mãe a tratar da chácara pequena ou ensaiando canções chorosas para as distrações boêmias da noite.

Por isso mesmo, por vê-lo criança, infantil, aos vinte anos, era que a mãe sentia mais a sua falta. Pessoas amigas haviam lhe dito que, tratando-se do filho único, seria fácil para ele conseguir a sua dispensa do serviço militar; de tal maneira, porém, o João Vicente tinha sido contrário a essa **ideia**, ameaçando até de abandoná-la na sua velhice, que a miserável se viu na situação de sufocar o choro da alma, deixando-o partir, animado, elegante, risonho, entre as palmas das moças e o soluço comovido das outras mães.



SCHLOSSER

III

Seis meses tinham decorrido após a partida do Araçá, quando chegou ao quartel a ordem de aprontar o batalhão. A rebelião no sul havia estourado, assumindo proporções inesperadas pelo governo e exigindo a remessa, para a região, de novas unidades militares. Vários regimentos haviam sido já dizimados, de um lado e de outro. Os feridos enchiam os hospitais, pondo um forte cheiro de sangue na atmosfera.

E o batalhão partiu.

Doze dias depois, as forças das quais ele era um dos componentes estavam acampadas nas vizinhanças de uma pequena cidade do interior, na zona de guerra, quando o João Vicente recebeu, com a sua companhia, munição de combate. Em torno do corpo, nos bolsos do cinturão forte, os cartuchos punham um peso novo, que, no entanto, pouco o deixava aflito. E eram nove horas da manhã quando o batalhão, após uma pequena marcha de dois quilômetros, teve ordem de expulsar os rebeldes de uma trincheira, entre o monte e o rio.

Sob a fuzilaria do inimigo, e, principalmente, sob o fogo de uma metralhadora mascarada por um monte de pedras, o batalhão seguiu adiante, a peito descoberto. Dois companheiros ficaram no chão, feridos. A uma ordem de comando, os soldados se deitaram, e começou a avançada lenta, difícil, barriga na terra, o queixo arrastando na grama, avançada de répteis, de animais rastejantes, cuspidando fogo pelo cano escuro dos fuzis.

Dentes cerrados, olhos ardentes, a mão envolvendo a arma, carregando-a e descarregando-a sempre, João Vicente avançava, palmo a palmo, sob o fogo do inimigo. A grande fila que se formara no instante da investida tornava-se cada vez mais curta e mais rala. As balas zuniam sobre a sua cabeça como uma agulha diabólica, que costurasse a atmosfera. Se olhasse para trás, para o caminho percorrido de bruços, desanimaria, talvez, ao ver o campo semeado de corpos, uns se contorcendo sob as dores dos ferimentos, outros paralisados, já, pela morte instantânea, os olhos vidrados, a boca escancarada, golfando

Contos

sangue. João Vicente não sabia, porém, naquele momento, se tinha companheiros ou se avançava só. A metralhadora estalava na sua frente, como a motocicleta da morte. O seu leque de balas varria tudo. Estava ele, mesmo assim, quase a vinte metros do monte de pedras. Mais dez metros e, se não fosse descoberto, estaria, pela posição, fora do alcance da arma terrível. O suor descia da sua testa, cegando-o. Mais cinco metros foram vencidos... Mais três... E outros, ainda. A quatro metros não se conteve mais: abandonando o fuzil, espada na mão, deu um salto de tigre, atirando-se, com todo o peso do corpo, como uma bala de canhão, sobre a pilha de granito, que se desmoronou com estrondo para o fosso da trincheira, levando de rodo ele, a metralhadora e, misturado com os blocos de pedra, os dois atiradores!

Calada por essa maneira a arma que mais os combatia, os assaltantes, desprezando a fuzilaria, puseram-se de pé e investiram contra a trincheira, rangendo os dentes. E, em breve, após um curto combate com armas brancas², em que homens da mesma pátria se retalhavam, se dilaceravam, se estraçalhavam com fúria sanguinária, os legalistas tomavam posse do reduto, onde o sangue coagulado se misturava, entre zumbidos de moscas, com restos humanos e com a lama da chuva da véspera.

Promovido a cabo, João Vicente participou, ainda, de dois combates e diversos reconhecimentos. Bravo, calmo, destemido, sempre se comportara, para alegria do comandante, que lhe havia prometido, já, as fitas de sargento. Não era mais, porém, aquele rapagão claro das serenatas do Araçá. A barba forte, que raspava toda antigamente, tomava-lhe agora o rosto, envelhecendo-o, dando-lhe os ares daqueles cangaceiros do Nordeste, que via passar, às vezes, a cavalo, pela vila, com a faca de um lado, a pistola de outro e a espingarda na sela. A vida militar absorvera o boêmio. Era, agora, um soldado.

² Arma constituída de uma arte metálica usada para cortar ou furar, geralmente usada no combate corpo a corpo.



IV

Com a partida dos sorteados, o Araçá era como um organismo que tivesse sofrido um sangramento. Sem as suas festas dos sábados e as suas serenatas das noites de lua, as casas passaram a fechar mais cedo e a abrir mais tarde. Parecia que aqueles oito rapazolas enchiam, sozinhos, as ruas da vila. Por toda parte reinava uma tristeza de morte.

Ao chegarem à capital, ao quartel, alguns escreveram. E as cartas, ligeiras e simples, passavam de mão em mão como objetos raros, que eram. O coração da vila acompanhava-os; até que uma grande emoção a abalou, meses depois, com a notícia de que o batalhão em que haviam sido incorporados partira, entre festas da população da cidade, para as campanhas assassinas do sul.

Das almas que sangravam no Calvário da Saudade, nenhuma havia, porém, como a da velha Maria Inácia, mãe de João Vicente. Desde o momento em que o filho partiu, ela tinha acendido uma lamparina de azeite em frente ao oratório pobre, forrado de azul, onde a Senhora das Dores chorava, o coração atravessado por uma espada. De joelhos, as mãos juntas, os olhos suplicando, postos no rosto consolado da imagem, prometera, na emoção da sua fé e do seu temor:

— Minha Mãe Santíssima!, vós, que sois mãe, guardai meu filho! Guiai-o através de todos os males, salvando-o da morte e dos perigos do mundo! E eu vos prometo trazer sempre acesa, dia e noite, esta luz aos vossos pés!

E dia e noite não faltou, jamais, aquela chama aos pés da Senhora das Dores. Três, quatro, cinco vezes, nas horas de sono, levantava-se a velhinha, no seu xale preto, para examinar se ainda havia azeite no copo e se a pequena rodela de cera daria, ainda, até de manhã. Parecia ao seu coração alarmado que aquela chama era a própria vida do seu filho e que, se se apagasse, a sua existência se apagaria com ela. E, nesse delírio, redobrava de cuidado, vigiando a chama tímida como se cuidasse de um doente, sob a ronda traiçoeira da morte.

Até que, uma noite, foi um desespero. Cansada das vigilâncias contínuas, a velhinha adormeceu mais profundamente na

cadeira, ao lado do oratório. Quando despertou, madrugada alta, o quarto estava escuro.

— Meu Deus! Meu filho morreu!, gritou, num acesso de terror, os olhos arregalados na treva, as mãos tateando, trêmulas, a caixa de fósforos na mesinha do oratório.

A velha criada que lhe fazia companhia veio em socorro, tropeçando nos móveis e, riscando o fósforo, reacendeu a lanterna.

— Luiza, meu filho morreu...! O João morreu, Luiza...! gritou, abraçando-se à velha serviçal.

— Sossegue, “nhá”³ Nacinha, sossegue: não morreu, não! Tenha fé em Deus! — pedia a outra, procurando tranquilizá-la, tendo embora a alma assustada por aquele prenúncio.

A datar desse dia, a vida de Maria Inácia passou a ser uma agonia contínua, cheia de preces, diante do oratório. As promessas se multiplicaram. Até que, uma noite, em um momento de maior aflição, ofereceu, com toda a sua alma devota:

— Minha Senhora das Dores!, trazei meu filho são e salvo, ainda uma vez, à minha vista, que eu vos dou a minha vida!

E, com todo o fervor do sentimento, num acesso de choro:

— A minha vida pela dele, Minha Mãe Santíssima...! A minha vida pela dele! Mas que eu ainda veja meu filho...!

V

Dois meses depois da promessa e oito da partida dos sorteados, com as primeiras chuvas do inverno, a vila do Araçá se tornou toda festiva, como nas suas comemorações religiosas. No pátio da igreja, com os músicos vestidos de branco, a orquestra esperava o momento de romper com toda a sonoridade dos metais, quebrando o silêncio dos campos vizinhos com uma de suas marchas militares retumbantes. As crianças corriam pelo capim, molhando os pés nas gotas de sereno, ou da chuva da noite. Comerciantes, fazendeiros, agricultores, trajando as roupas domingueiras, conversavam à porta dos estabelecimentos. É que voltavam ao Araçá, de licença, quatro dos oito alistados, que se haviam portado heroicamente em campanha. E, entre eles, já no

³ Forma antiga, geralmente falada pelos escravos, de dizer “senhora”.

Contos

posto de sargento, vinha, queimado do sol e com os sinais do cansaço no rosto, o João Vicente, filho de Maria Inácia.

De repente, um grito:

— Lá vêm eles...!

Na extremidade do caminho, longe, levantava-se uma nuvem de poeira. E, momentos depois, penetrava na praça a cavalaria brilhante dos parentes e dos amigos com os quatro soldados à frente, ao mesmo tempo que, tornando mais comunicativo o arrepio de entusiasmo, a banda de música atacava, com toda fúria dos instrumentos, a marcha militar mais espetaculosa do repertório.

VI

Aproximava-se o dia do regresso dos rapazes. Todo aquele mês havia sido de festas, de homenagens aos bravos soldados do local. E, à medida que passavam as horas, mais se apertava a alma de Maria Inácia. O seu coração não se cansava de acariciar o filho. As noites, atravessava-as acordada, passando-lhe as mãos pelos cabelos, cobrindo-o com o lençol, beijando sua cabeça adormecida. Nos primeiros dias, estava certa de que a Senhora das Dores consideraria uma loucura a promessa que lhe fizera e a perdoaria. Pouco a pouco, porém, à proporção que se aproximava o dia do regresso, foi a sua alma se preocupando.

Tinha prometido dar a sua vida pela do filho, se ainda o abraçasse uma vez. Deus o trouxera aos seus braços, ao seu carinho, à sua presença. Devia cumprir o voto? E, se não cumprisse, Deus não a castigaria no coração, levando-o do mundo, nos novos combates em que participasse?

Esse pensamento a afligia. Até que, de repente, resolveu:

— Não, eu devo cumprir a promessa. Devo, sim. Antes eu do que meu filho. E eu resistiria, acaso, à dor de perdê-lo, se o perdesse por culpa minha, por falta minha perante Deus?

VII

Os dias que antecederam o regresso dos rapazes à sede da guarnição tinham sido de chuvas. Na serra, principalmente, havia chovido muito. E, aumentado no volume pelos riachos da montanha, o rio Araçá rolava agora transformado em torrente, arrastando galhos de árvores e moitas na confusão das suas águas. Comprimido pelas ribanceiras, que ia lambendo com um prazer furioso, causava tontura vê-lo. De vez em quando, um ruído alarmava os moradores da beira do rio. Era a queda de um barranco, de uma barreira da margem, que logo se dissolvia em rodopios, na dança diabólica daquelas águas.

A viagem estava marcada para as nove da manhã seguinte. Amorosa, meiga, atenciosa, Maria Inácia passou todo o dia ao lado do filho, exagerando em cuidados, em meiguice, em dedicação. Beijava-o todo instante, abraçando-o com toda a força da sua fraqueza, como se quisesse apegar-se a ele e não o soltar mais.

À noite, houve uma festa de despedida na casa de um dos soldados. Maria Inácia ficou em casa, ajoelhada diante do oratório, rezando. Pela madrugada, o João entrou. Vinha suado, cansado, exausto de dançar.

— Tire a roupa, meu filho, e durma — disse-lhe a velha, abençoando-o.

Os galos cantavam repetidamente. Uma brisa fresca sacudia as árvores, fazendo estalar no chão os pingos da chuva acumulados nas folhas. Pé ante pé, o xale ao ombro, Maria Inácia entrou no quarto do João. Ajoelhou-se à sua cabeceira, beijou-lhe a testa, os cabelos, a mão abandonada para fora da cama. Ergueu-se, tomando o rumo da porta, e, de lá, enviando um último olhar ao filho adormecido, saiu como uma sombra.

À margem do rio, parou, olhando a torrente. As águas faziam um barulho sinistro lá embaixo, no escuro. Ajoelhou-se, benzeu-se e gaguejou, trêmula, a oração dos mortos.

Chegou o xale mais para o corpo magro, num arrepio. E, fechando os olhos, deixou-se rolar, como um saco, pelo declive da ribanceira...

Só dois dias depois, três léguas abaixo da vila, entre duas pedras, foi pescado o cadáver. As mãos, que tanto haviam rezado, tinham sido, já, devoradas pelos peixes.



SCHLOSSER

A luz dos mortos

Madrugada ainda, com os pássaros adormecidos nos ramos, a escolta abandonou a vila e pôs-se a caminho. Eram quinze homens, apenas, sob o comando de um sargento, conhecedores, todos, dos menores recantos daquelas bandas. Antigos sertanejos, arrastados um a um para a cidade pelo desejo de vestir farda, voltavam agora reunidos aos campos natais, com a missão de combater, no tabuleiro dos campos ou na garganta das serras, um forte agrupamento de bandoleiros.

Carabina ao ombro, fardados à vontade — uns de calça vermelha e camisa, outros de blusa de policial e calça arregaçada até o joelho, e todos, ou quase todos, descalços —, a escolta dirigiu-se, sem ordem de marcha, para a várzea das Pedras, onde os bandidos haviam aparecido na véspera. Das matas quietas subia e se espalhava um cheiro forte de folhas machucadas. As selvas rasteiras, abrindo os cálices roxos nos quais a noite tinha se embebedado de orvalho, acordavam, úmidas, emergindo do labirinto das próprias ramas, polvilhadas de terra e de sereno.

Manuel Albino, o sargento que comandava a pequena força policial, era um desses tipos de sertanejo acostumado às longas peregrinações pelo interior. Altura mediana, pele cor de cobre devido ao sol, à vida ao ar livre, aparentava quarenta anos. O bigode, alourado e sem trato, fechava sua boca forte, como se quisesse opor às palavras uma cortina de silêncio. Diferenciava-se dos companheiros apenas pela fita do braço, e naquelas marchas penosas, tão cheias de perigos a cada passo, era menos um chefe que um camarada.

Ao amanhecer, os soldados já haviam andado três léguas. Das margens da estrada arenosa voavam, rápidos, pequenos pássaros assustados. Aqui e ali, na mata que revivia, uma árvore

Contos

morta sonhava com os encantos da vida, oferecendo ao sol, em cima, no último galho quase morto, a graça de uma flor humilde, cujo cipó tinha se agarrado ao tronco para dar, no alto, ao astro namorado, a cheirosa esmola daquele beijo. Insetos zuniam nos troncos e em tal quantidade que, invisíveis, eram como se todas as folhas fossem de metal e se esfregassem de forma dolorosa.

Em meio da várzea enorme, onde as costas das pedras alvas, semeadas na campina verde, recordavam rebanhos pastando, os soldados acamparam.

— É preciso olho vivo — aconselhou o sargento. — Eles devem andar por perto e é bom que não nos apanhem de surpresa.

— Quer que eu vá reconhecer o terreno? — ofereceu-se um dos praças, o João Simeão, caboclo baixo e entroncado, que havia feito estágio no Exército e gostava de empregar, em serviço, os termos de técnica militar.

Meia hora depois, escondendo-se de pedra em pedra, arrastando-se, serpenteando, o caboclo regressava. Os bandidos, em número superior a vinte, haviam dormido na Pedra Grande, na outra extremidade da várzea, de onde, àquela hora, se preparavam para a retirada.

Partindo imediatamente e levando boa marcha, a tropa ainda os apanharia em campo aberto, antes que penetrassem na caatinga, escondendo-se nas moitas, ou alcançassem o Serrote Preto, de onde ninguém os tiraria.

Ao meio-dia, quando o sol, no meio do céu, devorava com os seus dentes dourados a sombra dos troncos, dos rochedos e dos homens, o campo foi alarmado, de repente, pelos primeiros tiros da escolta. Prontos para a morte, a lutar até a última esperança de vida, os cangaceiros se puseram em defesa, entrincheirando-se nas pedras. A tropa fez o mesmo e começou a fuzilaria intensa, viva, desesperada, em que as balas dos soldados se cruzavam, rápidas, zunindo, com as cargas de chumbo dos cangaceiros.

A luta, em tais circunstâncias, dependia mais de Deus do que da habilidade dos homens.

Cada pedra plantada no campo era o escudo gigantesco de um combatente. E as balas, e os punhados de chumbo, achatavam-se estalando nesses escudos, arrancando deles estilhaços ou fazendo voar, leves, pequenas nuvens de poeira.

O grupo dos bandidos era o de João Severino, antigo feitor da fazenda Água-Viva, nas fronteiras da Paraíba com o Ceará. Menino ainda, João Severino vivia com o pai, no sítio dos Cajueiros, herança dos seus antepassados, quando o coronel Cazuzza Rocha, fazendeiro vizinho, propôs a compra da pequena propriedade. O pai recusara o negócio, mas, como o coronel era poderoso, tomou sua casa, sua terra, sua plantação e seu gado miúdo que lá existia.

Levado para a cadeia, o agricultor roubado morreu. A mulher morreu de mágoa, pouco depois. Com o ódio rugindo no coração, João Severino fez-se homem na Água-Viva. E era, já, feitor, homem de confiança da fazenda, quando, uma noite, montou a cavalo e desapareceu. No dia seguinte, pela manhã, o coronel Cazuzza era encontrado morto, no terraço, tendo no peito, enterrada em toda extensão da lâmina, uma faca de ponta, em cujo cabo, de prata trabalhada, se viam as iniciais do antigo menino dos Cajueiros. Perseguido pelas autoridades, o rapaz reuniu uma dezena de homens decididos, depois outra, e ali estava, agora, no seu oitavo encontro com a polícia, depois de haver saqueado, durante dois anos e meio, várias repartições públicas do interior.

Escolhido pouco a pouco, o pessoal do bando era, todo, de primeira ordem. Dos vinte e dois homens que o formavam, nenhum deles, ali, pensava na morte. Atacar, matar, a tiro ou a faca, era a sua profissão natural. Se a escolta não tivesse se abrigado nas pedras, não teriam perdido uma bala de rifle ou um caroço de chumbo grosso. Descalços, calça amarrada na perna, camisa de algodão pobre por cima da calça, chapéu de couro ou de carnaúba¹, com cordão, era esse o fardamento da maioria. Lutavam como leões e morriam como cães. Para eles, só havia uma coisa vergonhosa no mundo: morrer em casa, na rede, sem deixar uma mancha de sangue no chão. E era disputando um fim **heroico**, buscando, em uma bala, a morte gloriosa e invejada, que ali estavam, o joelho direito na terra, a cartucheira ou o saco de pólvora a tiracolo, a arma à altura do rosto, à espera de um ponto sem proteção do inimigo para atingi-lo na pontaria certa.

Do lado oposto, não era menos vivo o interesse pela vitória.

¹ Tipo de árvore da qual se extrai uma cera, que serve para a fabricação de vários produtos.



SCHLOSSER

Deitados, com o queixo no chão e a espingarda à altura do solo, o sargento disparava seguidamente contra os bandidos, que se espalhavam a uns **cinquenta** metros, por trás do seu grupo de rochas. E disparava, atento, o dedo no gatilho, quando uma bala o apanhou de lado, varando seu pulmão. Ferido de morte, a arma tombou das suas mãos com a última bala na agulha. Uma palidez repentina cobriu seu rosto, acompanhada de tremores leves por todo o corpo.

Do esconderijo próximo, a dez metros, um soldado humilde, o Marciano, que defendia heroicamente o seu rochedo, assistia, aflito, ao desfecho daquela bravura. O seu coração de sertanejo, encostado ao da terra, batia contra ela. Seria possível que, a dez passos de distância, o seu companheiro, o seu comandante, o seu chefe, morresse naquela agonia, como um bicho, sem que alguém pusesse na sua mão a luz de uma vela com que descobrisse, entre as trevas eternas, o misterioso caminho do céu? A arma esquecida na mão, olhos ansiosos, procurava em torno solução para aquele desespero da sua alma. E, em torno, a várzea era deserta, nua, verde, em que pedras, agora, lhe pareciam túmulos abandonados. Perto, longe, adiante, em toda extensão do campo, apenas os cardos², de folhas chatas, lhe estendiam as mãos cobertas de espinhos. E, na rocha, por trás da qual o soldado se abrigava, o chumbo e as balas do inimigo, assobiando, zunindo, estalando.

De repente, esquecendo o inimigo, a vida, tudo, para lembrar-se unicamente da salvação de uma alma, o soldado espremeu-se ainda mais à terra e começou a vencer, rastejando, rasgando o peito no pedregulho, a cabeça encostada no solo, o espaço que o separava da outra pedra. Descoberto pelo inimigo, a fuzilaria aumentou na sua direção. Era, porém, já, tarde, pois o espaço havia sido vencido.

A boca ensopada de sangue, o sargento agonizava. Marciano olhou em volta e, diante da majestade da natureza piedosa, teve um gesto que redimia a miséria dos homens; ajoelhou-se ao lado do moribundo, arrancou do bolso uma caixa de fósforos, riscou um e, colocando nos seus dedos, ajudou-o, rezando, a morrer. Os olhos erguidos para o céu azul e imenso, todo ele voltado para Deus, as suas mãos seguravam entre os dedos

² Espécie de planta que contém espinhos.

Contos

ásperos do moribundo a pequenina chama vacilante. E, a voz angustiada, todo possuído pela emoção, murmurava, lento, com todo ardor de sua fé, aquela oração que ouvira, tantas vezes, à cabeceira dos agonizantes:

— Parte... alma cristã... deste mundo... em nome de Deus Padre Onipotente... que padeceu por ti... em nome do Espírito Santo... que sobre ti foi derramado... em nome dos Anjos e Arcanjos... em nome...

Na sua emoção religiosa, o soldado se esquecera, porém, de si mesmo. E não estava, ainda, no meio daquela oração de morte, em que se misturam a piedade e o terror, ao entregar a Deus, com os olhos na altura, a alma do companheiro, uma bala o apanhou também, certa, atravessando sua cabeça.

Duas horas depois, a luta estava terminada com a fuga dos bandidos. E quando a pequena tropa legal se arrumou para partir, os soldados encontraram, atrás de uma pedra, dois cadáveres, que seguravam, com os dedos endurecidos, os restos do mesmo fósforo...

O furto

(Conto Amazônico)

A floresta imensa, de árvores respeitáveis e seculares, chegava até a margem do rio quando os primeiros colonizadores, fazendo ressoar o machado nos troncos enormes, ergueram aí a primeira barraca de seringueiro. E pouco a pouco, investindo contra a selva tristonha e impenetrável, foi o homem avançando contra a muralha verde, até fixar naquelas brenhas o marco da primeira cidade.

Agora, não era mais o casebre isolado. Alinhados à beira do rio largo e profundo, as casas de negócios e de moradia, comprimidas entre a floresta e a água, eram como ovelhas escuras de um pequeno rebanho, trazidas para beber na torrente por uma legião de gigantes esfarrapados. E entre essas casas, humilde no meio das mais humildes, estava a do Zeferino, caboclo de trabalho, que passara seis meses na pesca do pirarucu e outros seis no alto sertão, no trabalho dos castançais.

A cidade pequena dormia, quieta, naquela noite sem lua, quando o caboclo, descalço, torcendo as mãos fortes e ásperas, apareceu à porta escura do casebre. Era um homem baixo, grosso, de pele avermelhada, cabelos lisos e bigode ralo, tipo inconfundível do índio domesticado. Os olhos, vivos e pequenos, brilhavam como vaga-lumes escondidos nas folhas. Vestia camisa grosseira, de algodão, encardida pelo tempo, a qual descia, até quase ao seu joelho, cobrindo, em parte, a calça do mesmo pano. Diante dele, o rio, silencioso, multiplicava-se em claridades, refletindo o céu inteiro em cada pedaço de suas costas. E, em cima, na altura, o espaço salpicado de estrelas era uma enorme festa de luz, como se os anjos tivessem acendido naquela hora, num impiedoso desafio à sua miséria, as mais longínquas lâmpadas do firmamento. Na margem, beirando o

Contos

mistério das águas, estavam, como ciclopes, com o seu olho fixo, os lampiões da iluminação pública. Enfileirados ao longo da primeira rua do lugar, as suas gotas de luz, tristes, embaçadas, imóveis, faziam pensar em pequenos astros cristalizados na terra, ou em grandes lágrimas de gigantes tombadas do céu.

Na calma daquela hora de assombros, afugentando ou convocando os demônios da treva, coaxavam os sapos, martelando, monótonos, na bigorna¹ do silêncio. Nas moitas úmidas, de onde partiam, confundindo-se tantas vozes anônimas, os vaga-lumes eram como as faíscas dessa oficina monstruosa, onde os sapos batiam, talvez, a couraça de ouro do sol.

A noite corria, assim, profunda e calma, suando orvalho pelos poros da terra, na dor desconhecida do seu parto, quando a figura do caboclo se desenhava, como uma grande mancha cinzenta, na mancha escura da porta. Desenrolava-se no seu espírito, naquele momento, uma das grandes tragédias da consciência. É que, dentro, na casa modesta, no refúgio doloroso da sua miséria, agonizava o seu filho pequeno, o qual ia morrer, talvez, com sacrifício da sua alma inocente, no horror da escuridão!

Ao regressar do trabalho nos castanhais, onde tinha passado quatro meses, encontrara-o só, entregue aos vizinhos. A mãe, a Rosa, sua companheira de cinco anos, tinha-o abandonado na sua ausência, fugindo para Breves com um turco, negociante. Informado de tudo, pensara em sair em perseguição da traidora para matá-la e ao amante. O menino já estava, porém, com a malária impiedosa, e, como não tivesse quem tomasse conta dele, ficara ao seu lado, tratando-o na doença com cuidados de mãe.

O dinheiro trazido do trabalho na castanha, ele já tinha gastado, todo, nos remédios para o pequeno. Não podendo afastar-se dele para ir à pesca, ou a qualquer outro meio de vida, não tivera uma moeda, sequer, na véspera, para comprar uma vela ou um pouco de querosene. E agora, dentro, no quarto, o candeeiro que iluminava sua agonia começava a enfraquecer, como um símbolo mesmo daquela vida perigosa, e, em pouco, a Morte entraria, com toda certeza, ali, levando aquele pedaço do seu coração!

No seu pavor, adivinhando o rio e olhando o céu, o caboclo

¹ Bloco de ferro e aço no qual se bate ferro para fabricar objetos diversos.

via, já, o seu filho estendendo os bracinhos magros, agonizando no escuro e confundindo, de olhos meio abertos, as trevas passageiras da noite com as trevas eternas do túmulo. Duas vezes chegou à porta e duas vezes entrou, de novo, levado por um triste pressentimento. Da última vez, encontrou, já, o quarto afogado em escuridão. A lamparina, sem querosene, tinha se apagado. Tateando nas paredes familiares, fora até a rede onde estava o doentinho, apalpando-lhe o corpinho magro, quase um esqueleto, pondo toda a delicadeza nas mãos pesadas. O menino queimava de febre. Um grunhido agonizante subia do seu peito inquieto. A respiração era agitada, pela boca escaldante, que, ao tato, verificara que estava aberta.

— João...? Joãozinho...? Meu filho...? — chamou, adoçando a voz.

O mesmo grunhido angustiado, surdo, foi a resposta. O caboclo cobriu com a coberta remendada seu peito magro, beijou-o num grande carinho e saiu, de novo. À porta, parou, outra vez. Que fazer àquela hora, entre o esquecimento de Deus e o sono dos homens? Onde conseguir, em hora tão avançada, uma vela ou um pouco de azeite, com que iluminasse a agonia daquele inocente, se ninguém o atenderia noite tão alta e não havia na casa, para bater a uma venda, a moeda mais miserável?

O primeiro galo cantara, longe, perto do rio. Outro respondera mais próximo. A calma era tamanha que se ouvia o bater pesado das suas asas. Menos numerosos, os sapos se acomodavam.

A alma em desespero, o caboclo passeava os olhos pelo silêncio misterioso das coisas, perguntando ao céu e à noite sobre o destino do seu filho e o remédio do seu sofrimento, quando teve aquela ideia, que os demônios com piedade lhe sopraram. Reentrando no casebre, pegou a lamparina vazia, apalpou ainda uma vez o esqueleto ardente do filho e desceu à rua, rumo do rio. Ao longe, um lampião, perdido na noite, chorava, triste, o seu choro de claridade solitária. Encaminhou-se para ele. Ao chegar junto dele, mediu a altura do poste e, colocando nos dentes sua lamparina, começou a subi-lo. Ao alto, segurando-se com as pernas, retirou o bocal do candeeiro e começava a passar para o seu candeeiro algumas gotas de querosene quando ouviu um grito, a dois passos.

Contos

— Ladrão...! — gritaram.

Era o fiscal da iluminação. Atirando-se do poste, o caboclo confessou o seu crime e pediu misericórdia.

— É para o meu filho...! — gemeu.

— Marche! Vamos...!, foi a resposta do guarda, que, obrigando-o a ir para frente com um empurrão, se mostrou rigoroso.

— Eu vou — respondeu o desgraçado; — mas, pelo amor de Deus, deixe-me ir em casa primeiro, acender a lamparina junto ao meu filho...! Deixe...! tenha piedade...!

— Marche...! — gritou, imperioso, com outro empurrão, o homem da ronda.

Cabeça baixa, o desespero na alma, com uma vontade doida de romper em soluços, o caboclo pôs-se a caminho da cadeia, acompanhado pelo guarda. A situação em que fora preso o diminuía, enfraquecia-o, acovardava-o. Sentia vergonha e raiva, arrependimento e revolta.

Pela cidade adormecida, os galos repetiam seu canto. Os sapos se calavam. As estrelas piscavam menos. Uma brisa fresca, embalando os ramos, trazia o cheiro da floresta... A chave da cadeia estalou, seca, na fechadura e rolou, lá dentro, um corpo, atirado por um empurrão.

Já ao entardecer, quase noite, soltaram-no, de ordem do delegado. O caboclo correu à casa, para ver o seu filho.

Pelo punho da rede, tomando conta do cadáver e entrando pela boca, pelo nariz, pelos ouvidos, desciam em fileira, em longas **sequências**, as primeiras formigas...